

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº127 - DEZEMBRO - PORTO VELHO, 2003  
VOLUME VIII

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**127**



**DO PORTO CALE AO PORTO VELHO**

**NILZA MENEZES**



**Nilza Menezes**

Centro de Documentação Histórica do TJ/RO

cendoc@tj.ro.gov.br

## **DO PORTO CALE AO PORTO VELHO**

Junto com os árabes, espanhóis, caribenhos e gregos, os portugueses também fizeram parte dos grupos de imigrantes que vieram para a região dos vales do Madeira, Mamoré e Guaporé. Tiveram as suas características e merece estudo para melhor conhecermos esse grupo composto na maioria por homens, trabalhadores braçais, comerciantes e muito casadoiros com as mulheres da região.

Vários foram os grupos imigrantes. Os caribenhos trazem a marca de terem sido na sua grande maioria trazidos para o trabalho de construção na Estrada de Ferro. Eles vinham contratados pela empresa norte-americana e tinham laços afetivos e culturais com os ingleses. Consideravam-se ingleses.

Os judeus conforme se observa na documentação já se encontravam na localidade de Santo Antonio do Rio Madeira antes da construção da ferrovia. Com a queda da produção da borracha a maior parte retornou para Manaus ou Belém. Os árabes que chegaram com a movimentação da construção da ferrovia e que também substituíram os judeus na prática do comércio ambulante (Moraes, 1987) foram comerciantes arrojados, organizados e bem sucedidos. Os gregos em pequeno número acabaram por se estabelecerem no comércio, integrando-se a região com predominância nas cidades de Costa Marques e Guajará-Mirim.

Os portugueses, pela maior identificação cultural, tiveram mais rapidamente processados a amoldagem e interação com a região, no entanto, no primeiro momento as suas características distintas dos outros grupos são percebidas de forma bastante marcante.

As informações utilizadas para o desenvolvimento desse trabalho são obtidas através dos documentos do Centro de Documentação Histórica do Tribunal de Justiça, constando de processos judiciais, documentos cartoriais como procurações, certidões de casamentos e transações comerciais que registram o movimento dos homens e mulheres em espaço não de controle da Empresa.

A cidade de Santo Antonio do Rio Madeira tinha atividades independentes, embora seu movimento tenha sido fortificado pela presença da ferrovia e seu desaparecimento ocorreu em decorrência da queda da produção da borracha.

Sem dúvida a construção da ferrovia foi um marco divisório, como símbolo do progresso e da modernidade instalada na selva, exercendo sobre as pessoas um misto de apego e saudosismo, sendo o trem, a estação ferroviária, o ponto de partida para grande parte da produção historiográfica regional, contudo não podemos esquecer que a ferrovia foi o objeto central, mas a vida a sua volta também tinha outros significados.

A presença de portugueses em terras brasileiras teve início com a “descoberta” e foi contínua, embora passasse por oscilações de acordo com os momentos econômicos.

Dentro do processo da exploração da borracha e da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, período que usamos como referencial para o desenvolvimento de trabalhos sobre a região, falamos nas diversas etnias que aportaram e se espalharam pelos vales do Madeira e Mamoré. As maiores referências são para a colônia caribenha que exerceu importante papel, mantendo-se de forma distinta da pelas décadas que se seguiram da construção da ferrovia; no entanto observamos que sua existência está ligada de forma muito íntima com a construção. Com a desativação da ferrovia o grupo vai sendo dissolvido, consumido como a própria Madeira-Mamoré.

De um modo geral nos referimos aos trabalhadores da Estrada de Ferro, contudo não podemos esquecer que nem tudo era só Ferrovia, ela foi um elemento dentro do processo de exploração da borracha. Antes da Ferrovia a região já existia, a vida nas localidades de Humaitá e Santo Antonio do Rio Madeira tinha as suas características. A Vila de Santo Antonio, criada em 1908, tinha desde 1881 um posto da coletoria do Estado instalado, o que indica a movimentação de pessoas e do comércio (Nogueira, 1913). A construção da Estrada de Ferro foi um marco importante, conseqüência de uma série de fatos e responsável por uma série de acontecimentos e objeto de ações.

Antes do processo de construção da Ferrovia não era o caos, portanto não podemos falar da história da região sempre partindo no trem, *que vai de lugar algum a lugar nenhum*. A construção da ferrovia foi motivada por um processo econômico e passa a ser apenas um “enfeite” saudosos após a sua desativação, e apesar de sua desativação a região não deixou de existir. As transformações políticas e geográficas alteram os nomes das localidades, mas a identidade dos habitantes continuou sendo a mesma.

Entre 1830 e 1930, cerca de um milhão de portugueses imigraram para o Brasil (Lippi, 2001). No caso da região amazônica o número registrado é bastante elevado. O Censo de 1920 registra a presença de 24.007 pessoas oriundas de aldeias portuguesas vivendo nas cidades de Manaus e Belém (Benchimol, 1999). Pelo que se observa do Censo, a diferença era de 03 homens para uma mulher, sendo esse fator motivador da integração e miscigenação, sendo comum o casamento de portugueses com mulheres nativas, conforme observamos pelo livro de registro de casamentos de Santo Antonio do Rio Madeira e principalmente de Humaitá-AM.

O número desses imigrantes registrados como trabalhadores da Empresa construtora da ferrovia não deixa de ser notável. São 146 casos de mortes de trabalhadores portugueses, oportunizando a percepção de que eles estavam em grande número trabalhando na empresa, diferentemente dos árabes que praticamente não aparecem nas listas de trabalhadores da ferrovia.

Conforme dissemos nem tudo era a ferrovia. O mundo existia antes e além dela. Os registros de casamentos de homens portugueses com mulheres da região são observados no livro de registros de 1913 a 1916 da Comarca de Santo Antonio e muito antes nos livros de registros da Comarca de Humaitá que registra muitos casamentos de portugueses com as moças da região, entre os anos de 1850 a 1912.

Eles estavam espalhados por toda a região, não só como trabalhadores da ferrovia, mas principalmente exercendo funções de comerciantes, comerciários e trabalhadores braçais nas vilas ao longo dos rios. Não tinham a solidariedade e organização dos árabes e judeus com os grupos familiares, mas tinham a perseverança, resignação e paciência, no entanto, não podemos deixar de observar distinção entre os portugueses. Aquele senhor atrás do balcão, dono de padaria, de loja de miudezas, de bar e um outro comerciante relacionando-se com os judeus tanto nos negócios como nas relações sociais. São dois portugueses. Os primeiros, gordos, vastos bigodes, bonachões. Os segundos esguios desapareceram das imagens dos documentos antes de terminar a segunda década do século XX. Os portugueses que continuam a fazer parte da documentação são aqueles do primeiro grupo.

Nas primeiras décadas do século XX a presença portuguesa foi marcante. O episódio conhecido como *A revolta dos portugueses*, causada por problemas econômicos foi um acontecimento de grandes proporções na então Vila de Porto Velho, chegando a colocar em fuga o então Delegado de Polícia José Joaquim Guerra. O motim, segundo informações de Antonio Cantanhede em *Achegas para a História de Porto Velho*, ocorreu em face dos altos impostos cobrados pela superintendência do município recém-criado. Os portugueses comerciantes não habituados ao pagamento de impostos, vez que a ferrovia só fiscalizava o que acontecia dentro do seu território e o Estado não tinha condições de exercer uma fiscalização mais eficiente. A Vila de Porto Velho pertencia ao Estado do Amazonas, cuja fiscalização era exercida pelas autoridades da Comarca de Humaitá que ficava distante. Ao se tomar providências para cobranças de impostos na sede da vila ocorreu uma insatisfação entre os comerciantes portugueses ocasionando a revolta. (Cantanhede, 1950).

É interessante observarmos que o episódio ocorrido na Vila de Porto Velho se deu ao mesmo tempo em que no Rio de Janeiro existia um clima de competição entre lusos e brasileiros ocorrendo diversas manifestações e uma série de processos criminais onde os conflitos entre brasileiros e portugueses são percebidos. Gladys Sabina Ribeiro aborda a questão, trazendo a tona os conflitos que envolviam brasileiros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX (Ribeiro, 1990). Muito embora as realidades das duas regiões fossem distintas, não passa despercebida a competição entre brasileiros e portugueses no mercado de trabalho das localidades de Santo Antonio do Rio Madeira e na Vila de Porto Velho, onde o comércio era efervescente nas duas primeiras décadas em razão da movimentação ocasionada pela exploração da borracha e pela construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Ainda conforme registra Antonio Cantanhede, a rivalidade com os portugueses parece ter como ponto referencial o incidente do dia 19 de novembro de 1915, quando os lusos em clima de revolta colocaram em pânico as autoridades e moradores da Vila de Porto Velho.

Esse incidente tem causas e conseqüências que podem ser percebidas na documentação analisada e que faz parte do acervo do CDH/TJRO em diversos incidentes onde um brasileiro e um português comparecem em juízo para prestar queixa ou para se defender, muitas vezes ocorrendo desavenças e intrigas entre eles tanto em Santo Antonio do Rio Madeira como em Porto Velho. O acontecimento de 1915 criou uma animosidade entre brasileiros e portugueses.

A presença portuguesa em Santo Antonio do Rio Madeira é marcante. Além dos já citados trabalhadores da ferrovia, vamos encontra-los trabalhando como padeiros, comerciários, comerciantes, proprietários, jornalheiros não passando despercebida a presença dos mesmos enquanto partes nos processos. Sofrem uma carga de

preconceitos e é comum serem acusados até mesmo por prática de feitiçaria como o caso do português Manoel José Pereira, acusado por Manoel Farias de ter procurado os serviços de Casemiro Ribeiro para, por meio de pajelança, fechar a padaria de Manoel Farias. O fato ocorreu em razão de desafeto entre os dois comerciantes concorrentes. Manoel José Pereira foi ainda acusado por ter praticado “bruxedos” contra Manoel Farias. Os bruxedos referenciados consistiam em ter o português Manoel José procurado os serviços de Casemiro Ribeiro para por meio de pajelança fechar a padaria de Manoel Farias. O próprio Casemiro teria confirmado a Manoel farias que havia sido procurado para fazer o serviço. O fato ocorreu no ano de 1922, e os dois padeiros tinham comércio na localidade de Presidente Marques.

As imagens que temos dos portugueses que viviam em Santo Antonio do Rio Madeira são apresentadas como fotos de álbuns de família. Temos uma imagem, algumas palavras plasmadas no papel onde os antonios, os manueis, os joaquins que parecem nossos antigos conhecidos com os nomes tão familiares pelos quais nos acostumamos a conhecer os portugueses, possuem voz, mas escondem o corpo. Podemos imaginar o velho português dono do *butiquim* revoltado com o freguês que discutia sobre quem era mais inteligente, se o brasileiro ou o português.

O brasileiro insistindo em urinar no balcão como forma de humilhar os portugueses. O nordestino nem sabia de onde havia trazido essa mágoa que parecia ter sido colocada pelos ancestrais em seus instintos.

Os portugueses que viviam na região eram trabalhadores de varias categorias. Eles podem ser conhecidos através dos processos judiciais, onde suas características são descritas. Na sua maioria homens de diversas regiões. Os qualificados como alfabetizados exerciam alguma função administrativa ou no comércio e os analfabetos em trabalhos braçais.

Do dono de padaria ou boteco ao trabalhador braçal analfabeto ao funcionário público. Personagens dispersos dispostos na paisagem. Conforme observarmos durante a pesquisa, esses muitos portugueses possuíam características diversas e em muitos momentos confundem-se com a comunidade hebraica durante a segunda década do século XX. A relação de amizade entre os dois grupos é bastante forte, podendo ser observada nas transações comerciais e nas atividades sociais assim como nas cerimônias de casamento.

Assim eles aparecem plasmados nos processos judiciais, são uns nomes, alguns dados pessoais e depois jogados como em uma máquina de triturar, desaparecendo no tempo.

José Rodrigues Prudenciano, exercia a função de jornalista, tinha 23 anos, analfabeto, e esteve preso por prática de homicídio na localidade de Vila Murinho.

Serafim Marques, natural do Porto de 22 anos de idade, solteiro, era analfabeto e exercia a profissão de pedreiro e foi acusado pelo crime de furto.

Antonio de Carvalho exercia a função de auxiliar do comércio, era alfabetizado, solteiro de 28 anos de idade e Adelino dos Santos de 27 anos era solteiro, empregado do comércio e alfabetizado.

José Morgado Camello, de 32 anos, dono de butiquim, sabendo ler e escrever, foi vítima de disparos de arma de fogo em razão de ter se negado a vender mais cachaça a um trabalhador pernambucano. O réu alega que os motivos foram patrióticos, rivalidades de brasileiros com portugueses, e que o português o teria

empurrado e que ele não aceitava que um português batesse em um brasileiro. As testemunhas afirmam que o brasileiro estava bêbado e queria urinar no balcão.

Antonio Soeiro, português, residente em Santo Antonio, industrial, proprietário e comerciante compareceu em juízo para defender-se da acusação de ter sido o causador de prejuízos a João Lino do Souto por causa de um fogo que teria se alastrado para as plantações do seu vizinho. As testemunhas de João Lino são todas nordestinas e as de Antonio Soeiro são portuguesas.

José Gomes Parente de 39 anos, solteiro e alfabetizado; Anyceto Rodrigues de 25 anos, analfabeto; José da Silva de 22 anos analfabeto, residente em Porto Velho; Antonio Antunes Almeida de 33 anos, analfabeto; Manoel Paulo de 32 anos de idade, sabendo ler e escrever.

Tito de Souza e Melo, português que era comerciante em Manaus, mantinha comércio com firmas da localidade de Generoso Ponce.

Manoel Miranda, português de 34 anos, solteiro, alfabetizado, comerciante.

José Lourenço, 29 anos, solteiro, auxiliar do comércio.

Agostinho Videira era comerciante em Esperidião Marques e Guajará-Mirim.

Ilídio Antonio Lopes, português, solteiro, era auxiliar do comércio.

Manoel de Almeida exercia a profissão de Mecânico tinha 39 anos, solteiro, era natural da Beira Alta, Portugal.

Joaquim Malheiros, 25 anos, solteiro, comerciante vivendo em Porto Velho desde 1914. José da Costa, casado, 47 anos, serrador alfabetizado.

Alfredo neves, solteiro, 31 anos, trabalhava na Madeira Mamoré.

José da Silva Soeiro, 22 anos alfabetizado, auxiliar do comércio; Manoel Valente de Almeida, 32 anos, casado, comerciante, alfabetizado.

José Ribeiro de Souza Junior, construtor civil.

Joaquim Ferreira, africano, natural de Penalva do Castelo, Portugal, alfabetizado.

Ignácio dos Santos de 27 anos, artista (carpinteiro) (artesão em geral era qualificado como artista), natural de Lamego, Portugal.

Benjamim Rozas de 28 anos, comerciante, solteiro, natural de Coimbra.

João Soares Braga, de 40 anos, casado, empregado público, natural de Lamego.

Antonio da Costa Dias de 28 anos, solteiro, natural de Beira Alta, Portugal auxiliar do comércio, alfabetizado.

Luiz Ferreira da Silva de 43 anos, solteiro, natural de Portugal, era ferreiro mecânico em Fortaleza do Abunã.

Abel Fernandes, português de 32 anos, solteiro, serralheiro.

Francisco Pereira de Castro, português de 31 anos, solteiro, comerciante em Fortaleza do Abunã, alfabetizado.

Daniel Marques, português de 32 anos, casado, jornalista, analfabeto, residente no povoado de Fortaleza do Abunã.

José Pereira Cangalhas residente em Manaus, casado comerciante, comercializava em Porto Velho.

José Cardozo de Macedo de 38 anos, casado, residente em Fortaleza do Abunã.

Joaquim Francisco da Silva de 31 anos, carpinteiro, casado, Fortaleza do Abunã..

Jose Gaspar Perpétuo, 58 anos, vivia na casa 06 da Estrada de Ferro, agenciador de madeiras, assassinou a tiros em 1930 o português João Veigas que era contratista de extração de madeira, alfabetizado.

Herculano Teixeira, solteiro, carreiro, maior, alfabetizado. Aníbal da Silva Reis, maior, comerciante, residia em Porto Velho.

Luiz Almeida franco, casado, comerciante em Santo Antonio enviava procuração para Portugal para Antonio Joaquim Felecessimo.

Antonio José Pastor, português, dava procuração ao advogado Manoel Amaro Lopes Pereira com a finalidade de efetuar cobranças de aluguéis dos seus imóveis.

José Pordeus de Alencar, português morador da localidade de Presidente Marques; em 1919 ele requereu a tutela de um menor cuja mãe havia falecido e o pai encontrava-se em Portugal. No mesmo ano em Dezembro solicitou autorização para venda dos imóveis em nome dos filhos para poder educar os mesmos, vez que estava se mudando da localidade.

Carlos de Figueiredo, português, exercia a profissão de guarda-livros, vivia na localidade de Porto Velho e impetrou hábeas corpus em favor de Manoel Almeida, também português, que era encarregado da garagem da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e foi acusado pelo desaparecimento de peças da Companhia Madeira-Mamoré.

O português Manoel de Oliveira Campos e sua "concubina" Mercedes Sol Sabbat, marroquina (judia) ele com 26, ela com 25 anos de idade, sofreram processo por brigas na residência de funcionário da Madeira-Mamoré Railway Company.

Outra fonte importante é o livro de registros de casamentos das uniões realizadas de 1913 a 1916. Os portugueses mais que todos os imigrantes casavam-se com as mulheres brasileiras. A fixação e adaptação na nova terra ocorriam de forma muito natural favorecidas pelo idioma e por quatro séculos de imigração. O livro de registros de casamentos de 1913 a 1916 anotou os casamentos realizados na Vila de Santo Antonio do Rio Madeira.

Francisco Ferreira Bastos de 22 anos, português, extrator de goma elástica, casou-se em 1913 com Josepha Maria de Souza, de 16 anos, natural do Ceará.

José Caetano da Silva, de 41 anos, português, viúvo contraiu núpcias com Francisca Carneiro da Paz, de 14 anos, órfã natural do Piauí.

Leopoldina Ferreira de Alcântara, de 18 anos, natural de Portugal, casou-se com Hermilho de Torres Bandeira natural, do Rio grande do Norte, de 40 anos de idade, agricultor.

José Leitão de Souza, de 33 anos, português, comerciante, casou-se com Beatriz Regina da Penha, de 19 anos, natural do Amazonas. Assinam como testemunhas membros da comunidade hebraica.

Alfredo Fernandes Garcia de 34 anos, português, casou-se com Jozina Maria da Conceição, de 17 anos, do Amazonas, assinam como testemunhas membros da comunidade hebraica.

O português José Gonçalves casou-se com Izaura Ferreira de Oliveira, de 16 anos cearense, também com a presença da comunidade hebraica participando como testemunhas da cerimônia.

Américo José Ribeiro de 27 anos natural de Arco do Val Ver casou-se com Enedina Bentes de Mesquita, de 17 anos, do Amazonas.

Conforme anotamos anteriormente portugueses e judeus tinham relações estreitas. O nome Penha, por exemplo, que aqui aparece às vezes como português, paraense ou amazonense. O que também ocorre com Mesquita e que conforme Benchimol está relacionado ao povo hebraico (Benchimol, 1999).

Muito embora a colônia portuguesa não tenha o peso da colônia árabe que demarcou espaço social em Guajará-Mirim e em Porto Velho, também teve papel importante no momento de formação da sociedade. Com maior facilidade que os árabes e judeus foi dissolvida.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANTONACCIO, Gaitano. **A Colônia Árabe no Amazonas**. Manaus. 1996.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Formação Social e Cultural**. Valer. Manaus. 1999.

FAUSTO, Boris (org) **Fazer a América**. Edusp. São Paulo. 2000.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo: A história de uma estrada de ferro na Amazônia**. Melhoramentos. São Paulo. 1987.

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência**. Xamã. São Paulo. 1996.

HARDMANN, Francisco Foot. **Trem Fátasma - A Modernidade na Selva**. Companhia das Letras. São Paulo. 1988.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônia: Uma Poética do Imaginário**. Cejup. Belém. 1995.

MAIA, Alvaro. **Gente dos Seringais**. Rio de Janeiro. 1951.

MORAES, Raimundo. **Na Planície Amazônica**. Itatiaia. Belo Horizonte. 1987.

NOGUEIRA, Julio. **Madeira-Mamoré**. Typografia do Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 1913.

OLIVEIRA, Lucia Luppi. **O Brasil dos Imigrantes**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2001.

RIBEIRO, Galdys Sabina. **Mata Galegos**. Brasiliense. São Paulo. 1990.

SCLIAR, Moacyr. Souza, Marcio. **Entre Moises e Macunaíma**. Garamond. Rio de Janeiro. 2000.

TRUZZI, Oswaldo. **PATRÍCIOS – Sírios e Libaneses em São Paulo**. Hucitec. São Paulo. 1997.

TRUZZI, Oswaldo. **De Mascates a Doutores: Sírios e Libaneses em São Paulo**. Editora Sumaré. São Paulo. 1992.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica**. Edusp. São Paulo. 1988.



## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*SE  
PRECISO FOR PANCADA  
RIA*

*CARLOS MOREIRA*